

No centenário de Cioran

João Bigotte Chorão

REVISIONES

Revista de crítica cultural

### No centenário de Cioran

**Resumo:** O escritor romeno Emil Cioran (1911-1995) é recordado no centenário do seu nascimento, a propósito de um livro que esclarece a sua relação com o país que o acolheu no exílio: *De la France*. Redigido em 1941, este texto foi publicado pela primeira vez em 2009 e reeditado em 2011 (data em que também foi publicada a tradução para espanhol).

**Palavras-chave:** Emil Cioran, literatura romena, exílio, França, diário pessoal, Espanha.

### En el centenario de Cioran

**Resumen:** El escritor rumano Emil Cioran (1911-1995) es recordado en el centenario de su nacimiento a propósito de su libro *De la France*, en el que se aclara su relación con el país que lo acogió en el exilio. Redactado en 1941, este texto se publicó por primera vez en 2009 y fue reeditado en 2011 (fecha en la que salió también en español: *Sobre Francia*, prólogo de Alain Paruit, traducción de Carlos Manzano, Madrid, Siruela, 2011).

**Palabras clave:** Emil Cioran, literatura rumana, exilio, Francia, diario personal, España.

### In the year of Cioran's centenary

**Abstract:** The Romanian writer Emil Cioran (1911-1995) is evoked at the occasion of the centenary of his birth through a commentary of *De la France*, a book where the author's relation with his country of exile is enlightened.

**Keywords:** Emil Cioran, Romanian literature, exile, France, personal diary, Spain.

### João Bigotte Chorão

Nació en 1933 en Guarda (Portugal). Crítico y ensayista, fue director de *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. De su extensa bibliografía, destacan libros como *O Escritor na Cidade* (1986), *Galeria de Retratos* (2000), *O Espírito da Letra* (2004), su obra memorialista (recopilada en *Diário Quase Completo*, 2001), los estudios sobre autores portugueses (Camilo Castelo Branco, João de Araújo Correia, Carlos Malheiro Dias, Tomaz de Figueiredo, Miguel Torga), y las lecturas de brasileños, franceses, italianos y rumanos (Horia, Eliade, Cioran). Recibió el título de *Amicus Romaniae* por el Instituto Cultural Rumano. Es miembro del consejo científico de la revista *Estudos Italianos em Portugal* y socio de número de la Academia das Ciências de Lisboa (Portugal).

Cioran, *De la France*,  
trad. du roumain par Alain Paruit,  
Paris, Éditions de L'Herne, 2011.

Há autores que não toleram uma leitura apressada e neutral. Polémicos, provocadores, excessivos, visionários, escrevem na língua dos profetas, ainda que a eloquência tenha paradoxalmente a brevidade e a nudez do aforismo. Cioran é um desses autores, que exige do leitor que tome partido e que, com a *clarté* francesa, discipline o tumulto interior e o que há de bárbaro no instinto.

Alguns dos seus livros redigidos e publicados na língua materna, de tão inusitados e radicais, chamaram a atenção para o nome do autor. Deixando para sempre o seu país, onde se lhe abriam perspectivas de uma carreira de professor de filosofia, partiu para a Alemanha e daí transitou para Paris, com o vago propósito de preparar uma tese sobre Bergson, em que via o único filósofo francês! Mas essa tese ninguém a leu, certamente porque não terá passado de um projecto.

Durante um certo tempo viveu de uma bolsa de estudo, que acabou por ser suspensa. Sem bolsa, sem profissão, sem direitos de autor que lhe assegurassem um modesto nível de vida, o seu habitat, mesmo depois de o êxito lhe bater à porta, era uma mansarda, que denunciava um certo pendor de artista boémio de vocação ascética. A guarida parisiense de Cioran não era a mítica mansarda bucarestina do jovem Eliade – um domínio só para si em casa dos pais, um espaço para os seus livros e revistas, um lugar de reuniões e discussões pela noite fora.

A imagem que Cioran construiu dele próprio era a de um homem solitário e misantropo que parecia dizer: vede se há dor igual à minha. O pessimismo de *Précis de décomposition* e de aforismos nocturnos, filhos da insónia e do que o autor chama a «preguiça», traduziam a sua incapacidade de escrever longos, prolixos e labirínticos textos ou tratados. Tinha, entre outros, o génio da economia e da síntese.

Mas a verdade é que quem o conheceu de perto o retrata de modo um pouco diferente: grande conversador,

espírito irónico, convivente até, forçando-se a escrever cartas, em diálogo com os amigos, a família. O *journal* de Sanda Stolojan, *Au balcon de l'exil roumain à Paris*,<sup>1</sup> é neste aspecto elucidativo. Ela teve o melindroso privilégio de um longo convívio com Cioran e de traduzir para francês um dos seus livros «romenos» mais provocantes, *Des larmes et des saints*. Foi-lhe assim dado ver sob a máscara o rosto de Cioran, sempre em busca do que não encontrava, leitor de grandes místicos e espirituais –Santa Teresa de Ávila, Mestre Eckhart–, melómano, que colocava acima de todos Bach, e que como ninguém lhe transmitia a presença do sagrado. Romeno expatriado, sofria na carne e no espírito a tragédia do seu povo. Se acontecia encontrar um teólogo ou um eclesiástico, que podia ser um prelado, ele, com todo o seu negativismo, escandalizava-se quando os ouvia negar o pecado original, a ressurreição, tudo o que é mistério, como se o Evangelho se reduzisse a metáforas ou tocantes parábolas.

Porém, o autor destes aforismos teve um impudente antecessor no Albino Forjaz de Sampaio das *Palavras cínicas*, agora reeditadas, pois há sempre leitores que se revêem nelas. Na relação do casal, Cioran parecia não descortinar mais que uma fusão de humores produzidos pelas glândulas exócrinas. O *journal* de Sanda Stolojan desmente essa imagem de misoginia. Surpreende-nos a notícia de uma presença feminina na vida de Cioran, companheira dedicada e discreta de um homem perseguido pelos seus demónios interiores: a francesa Simone Boué.

Depois da morte de Cioran, ainda lhe e nos prestou um grande serviço, não destruindo, como ele pedira, os *cahiers* que, impressos, deram um volume de quase mil páginas, na edição da Gallimard (1997). É como uma suma de Cioran, e quem a ler ficará a saber melhor quem era e não era esse homem e pensador tão complexo e contraditório. Felizmente, aparece por vezes um Max Brod providencial, que não destruiu mas publicou os inéditos

de Kafka. Mas o destino, ou o que lhe quisermos chamar, é não raro cruel com quem procede bem e por bem: à diligente e paciente Simone Boué não foi consentido ver em livro os *Cahiers* porque um acidente a vitimou pouco antes da sua publicação...

Com os *Cahiers*, outro título de Cioran nos parece indispensável de tão impensável: *Exercices d'admiration*. Como se compagina o sentimento de admiração com a visão impiedosa do homem? Admiração, naturalmente, exigente e selectiva. Nesses retratos –*Portraits* é outro título de Cioran– sublinha-se o contraste entre o retratista e o retratado, num paralelo que ora aproxima ora afasta um do outro. Um exemplo significativo: o do «exercício» sobre Mircea Eliade, outro romeno universal, antigo companheiro da mocidade de ambos em Bucareste, reencontrado em Paris. Não faltou quem reagisse ao que Cioran escreveu de Eliade, por entender que este saía diminuído das mãos do autor de *Exercices*.

Reservas, se reservas há, dizem respeito à febril vocação do polígrafo, à sua versatilidade, à sua enorme erudição, à sua ambição renascentista da universalidade. Cioran não compreendia, chocava-o até, o interesse de Eliade por Balzac. Sonharia ele escrever uma outra *Comédie humaine*, porque não uma *Guerra e paz*...? Depois de severos estudos de filosofia na Índia, Eliade, de regresso à Roménia, *ocidentalizou-se*, dispersou-se num aliás brilhante jornalismo cultural, publicou um afortunado romance, *Noite bengali*, história de um amor infeliz. A literatura parecia a Cioran um desígnio talvez redutor para quem se propôs redigir um *Traité d'histoire des religions*. Ainda aqui, Cioran se interrogava se o «especialista» de tal matéria seria, na verdade, um crente, um homem atormentado pela dúvida, como Pascal.

Ora, Cioran continuava sendo o eterno estudante da mansarda, fiel a si próprio e às suas perplexidades, autor de breves, densos e, não raro, insuportáveis livros. Em

Paris, sem renegar o radicalismo dos livros «romenos», abandonou a língua materna para ser um escritor, grande escritor, de língua francesa. Em 1941 –*anno horribilis*– a sua visão da França, onde voluntariamente se acolhera, não era benévola, como pode ver-se no ensaio intitulado *De la France*. Nele diagnostica os sintomas de uma doença incurável que também afecta outros países que, como a França, conheceram um passado glorioso. Descobre assim o sentido da História, que, a seu ver, é o de «permettre à des peuples d'exercer et de liquider leur génie».² A liberdade degradou-se em licença, a «fille ainée de l'Église» foi a pátria do jacobinismo, o espírito mundano espalhou-se como uma pandemia (até Pascal, o temível Pascal, oscilou «entre le monastère et le salon»,³ por uma vocação indomável de *causeur*). O prazer da comida e do sexo perverteram as inteligências. Inteligências que, aliás, Cioran não prezava particularmente em Maurras, Benda, Valéry, o inevitável Valéry; «l'honnête homme» ocupou o lugar do soldado, as ideias renderam-se ao estilo. «Le style est la *maestría* de la parole», escreveu admiravelmente o autor.⁴ Mestria de que o próprio Cioran é um acabado exemplo, com os seus aforismos que retomam a herança dos grandes moralistas franceses – La Rochefoucauld, La Bruyère, Rivarol, Chamfort, Joubert.

A França –ou melhor, Cioran– esperava em vão «un Paul Valéry pathétique et cynique, un artiste absolu du vide et de la lucidité».⁵ Não temos aqui um auto-retrato do autor de *Précis*? Foi a segura intelectual e o culto da refinada elegância francesa que impediram que surgisse ali um Dante ou um Shakespeare. A França é o país em que o talento substitui o génio.

Este ajuste de contas com a França traz-nos à memória Ardengo Soffici, artista italiano que em princípios do século XX se formou em Paris no clima das vanguardas artísticas, de que mais tarde tentou descartar-se no polémico *Ritratto delle cose di Francia*. Mas os motivos que moviam

Soffici não são os mesmos que explicam a atitude de Cioran – um exacerbado nacionalismo e não a intransigência de quem teve «o inconveniente de ter nascido» rebelde e demolidor.

Um escritor da mesma geração e da mesma condição, Vintila Horia, viu-se também obrigado a escrever os seus livros em outra língua, primeiro em francês, depois em castelhano. Tão conquistado pelo espanholismo que veio a pôr em causa a hegemonia literária de que a França desfrutou longo tempo. Entendia que a cultura hispânica, com a sua expansão latino-americana, se tornara mais original e renovadora. Cioran sentiu-se próximo do génio espanhol como do génio russo, pelo que têm um e outro de excessivo e, digamos, de «bárbaro», em confronto com a famosa *mesure* francesa. No seu singular fascínio pelos místicos, não podia faltar Teresa de Ávila, inspirada, voluntariosa e determinada, no reino de «femmes au sourire intelligent». Na constelação da arte espanhola, impõem-se, na sua diversidade, Greco e Goya. Em Espanha, um Van Gogh seria «une apparition naturelle», mas, em França, tem «quelque chose d'apocalyptique». A esse lado apocalíptico não escapa Picasso, em quem Cioran vê «un génie à tout faire», pela multiplicidade de dons.

Quando novo, Cioran chegava a ir de bicicleta a Espanha... Mas, no universo espanhol de Cioran, surpreende-nos a ausência de um Unamuno, com notórias afinidades agónicas na eterna dúvida sobre o nada e a imortalidade, o «sentimiento trágico de la vida» e «la agonía del cristianismo», o paradoxal quixotismo da afirmação e da negação. Não escreveu Cioran, nos *Cahiers*, que «rien de qui est espagnol ne m'est étranger»?

Da leitura destas muito pessoais páginas sobre a França e de outras que lemos, sobretudo nos *Cahiers*, a que conclusão chegamos? Que o mestre de aforismos implacáveis é como um Job sem paciência (não se queixa ele de acessos de fúria que nem sempre controla?) – um Job que

não perdeu nada porque despojado e indiferente aos bens deste mundo. Ou, se quisermos manter um símile bíblico, é apropriado remeter para o Eclesiastes, que adverte que «tudo é fugaz e uma corrida atrás do vento» e que «escre-

ver livros é um trabalho sem fim, e muito estudo cansa o corpo». Lição que Cioran aprendeu e que, sem ilusões, pôs em prática. Se os seus aforismos são um estímulo para a inteligência, não menos são um fardo para a alma.

1. Sanda Stolojan, *Au balcon de l'exil roumain à Paris*, Paris, L'Harmattan, 1999.
2. E.M. Cioran, *Cahiers, 1957-1972*, Paris, Gallimard, 1997, p. 779.
3. E.M. Cioran, *De la France*, p. 17.
4. *Idem*, p. 25.
5. *Idem*, p. 48.